

Tecnologias da informação e comunicação (tics) e suas possibilidades de uso no ensino de língua portuguesa

Wéllia Pimentel Santos*

Resumo

É de grande visibilidade que as tecnologias da informação e comunicação (TICs) fazem parte da vida cotidiana dos alunos, contudo, perante este novo e mutável contexto, há novas exigências no que tange a modificações substanciais no cenário educacional. Do ponto de vista didático-pedagógico, existe uma gama de equipamentos eletrônicos disponível e pronta para inserir a tecnologia na educação, imbricando a questão dos multiletramentos. Todavia, a educação vem enfrentando inúmeros desafios, concernentes especialmente às suas práticas pedagógicas e sua estrutura curricular. Além disso, conta-se ainda com o desafio referente à forma de utilização desses equipamentos. Assim, a proposta dessa pesquisa será evidenciar a utilização das TICs a favor da aprendizagem, convergindo ao ensino de língua portuguesa. Para tanto, a metodologia aplicada ao trabalho se ateve a um estudo descritivo do tipo revisão bibliográfica, respaldando-se em literaturas científicas, trabalhos acadêmicos referenciados que tentam responder a tais reflexões.

Palavras-chave: tecnologias, ensino, língua portuguesa.

Information and communication technologies (icts) and their possibilities of use in teaching the portuguese language

Abstract

It is highly visible that information and communication technologies (ICTs) are part of students' daily lives, however, in the face of this new and changing context there are new demands on substantial changes in the educational landscape. From a didactic-pedagogical point of view, there is a range of electronic equipment available and ready to insert technology in education, interweaving the issue of multilevels, on the other hand, education has faced numerous challenges, especially concerning its pedagogical practices and its curricular structure. In addition, there is also the challenge regarding how to use these equipments. Thus, the proposal of this research will be to highlight the use of ICT in favor of learning, converging to teaching Portuguese. In order to do so, the methodology applied to the work was based on a descriptive study of the type literature review, supported by scientific literatures, academic papers referenced that try to respond to such reflections.

Keywords: technologies, teaching, Portuguese language.

Introdução

Ao longo da história, professores vêm descobrindo maneiras de usar a tecnologia como aliada. Instrumentos para facilitar o ensino/aprendizagem de seus alunos, vão desde a lousa e o giz até os navegadores de internet. As novas tecnologias surgem

* Doutoranda em Estudos Interdisciplinares de Gênero pela Universidade de Salamanca / Espanha. E-mail: welliapimentel@hotmail.com.

continuamente, tornando-se um desafio contínuo ao trabalho docente a inserção dessas em sala de aula.

Desde a década de 1990, quando a internet se popularizou, até os dias atuais, passamos a estar cada vez mais conectados. A cada minuto que passa, “novas pessoas acedem à internet, novos computadores são interconectados, novas informações são introduzidas na rede. Quanto mais o ciberespaço se amplia, mais este se torna ‘universal’, e menos o mundo informacional se torna totalizável” (LÉVY, 2005, p. 111). O novo contexto tecnológico vem causando grandes transformações no universo *online*. Antes, poucos privilegiados dominavam a tecnologia, controlavam os canais de publicação de conteúdo e a grande maioria do público acessava as fontes de informação mediante outros meios, como os canais de televisão aberta.

A evolução vertiginosa da *web 2.0*¹ facilitou o acesso aos canais de publicação. As pessoas passaram a prover de fontes de informação por meio de uma internet cada vez mais democratizada, trazendo consigo novas responsabilidades. Todavia, “o que chamamos de modernidade é o resultado do lento processo iniciado no século XVII, e caracterizado pela abertura progressiva das fronteiras, de todas as fronteiras, começando pelas mentais e culturais” (WOLTON, 2003, p. 49).

Nesta ótica, educar nesta era digital por meio das TICs pressupõe uma atitude por parte dos docentes distinta da convencional. Para isso, torna-se fundamental a motivação. Mas como sensibilizar e estimular professores e diretores para o uso das tecnologias de informação e comunicação? Qual a importância delas em sala de aula?

A compreensão e aplicação das tecnologias da informação e comunicação – TICs em sala de aula constituem-se em passos importantíssimos que têm aproximado professores a um mundo midiático, propiciando maior dinâmica e interação por parte de educandos e educadores em sala de aula.

Por vezes, a preocupação central do professor está voltada para o ensino, como um sinônimo de transmissão de conteúdo. Nestes preceitos, Paulo Freire (1994) já apregoava que o professor não deve apenas transmitir o conhecimento: “não deve entender o educando como objeto do processo, aquele que apenas escuta, que deve ser educado e que não tem conhecimento” (FREIRE, 1994, p. 60). A educação bancária ainda é muito recorrente no cenário educacional brasileiro tornando-se imprescindível

¹ Termo adotado por volta de 2003 pela empresa Norte Americana O'Reilly Media para designar uma segunda geração de comunidades e serviços baseados na plataforma Web (SALGUEIRO, 2013, p. 11).

um novo olhar, voltado para a compreensão da forma como o aluno aprende. A tecnologia cada vez mais vem fomentando novos paradigmas de aprendizagem no âmbito educacional.

Destarte, as (TICs) surgiram para alguns professores como uma linguagem a mais, como um recurso que pode ter várias utilidades pedagógicas, tais como: trazer textos, músicas, realizar uma pesquisa, utilizar um vídeo. Para os alunos é uma nova oportunidade de aprender. E ainda que sejam facilitadoras para novas interfaces pedagógicas, muitas escolas proíbem ou não incentivam adequadamente o seu uso. Esse, portanto, é o grande paradigma das tecnologias de sala de aula, pois é muito comum o aluno não se abster de utilizar, por exemplo, seu aparelho celular, ainda que seja proibido seu uso em sala de aula.

Assim sendo, o presente estudo objetivará traçar algumas reflexões sobre as tecnologias da informação e comunicação – TICs, convergindo para os desafios no contexto escolar e suas possibilidades de uso no ensino da língua portuguesa.

Comunicação e educação na atualidade

A presença dos meios de comunicação na escola exige o perfil de um novo profissional: o educador, cuja atuação está voltada para a interface da linguagem da comunicação na educação. Na atual conjuntura, as mídias constroem novos conhecimentos e novas formas de aprender, levando o profissional à necessidade de integrar conhecimento técnico e pedagógico tendo na comunicação, o meio imprescindível para isso. Neste sentido, Wolton (2006, p. 99), destaca que:

Comunicar significa, de qualquer modo, ir além das mensagens e das técnicas, por mais sofisticadas e sedutoras que estas se apresentem. Significa recordar, modestamente, a dimensão humanista da comunicação e aceitar os riscos da incomunicação. Significa, também, criticar as ideologias que a veiculam e todos aqueles que, sem vergonha, a utilizam, ao mesmo tempo em que a desvalorizam. A mídia é a condição da igualdade de democracia para o cidadão, o lugar da discussão dos interesses políticos e, ao mesmo tempo, o pulso da democracia.

Para Barros (2010, p. 09) “estudar comunicação implica em trabalhar com as contradições da sociedade moderna, mediadas pelos fenômenos midiáticos”, de modo a indicar a importância de se articularem meios e mediações nos estudos da comunicação. A educação forma cidadãos críticos e reflexivos, que utilizam as novas

tecnologias como forma de expressão. Soares (2006, p. 50), aponta que a educomunicação “abarca reflexões e propostas de intervenção social que visam, através de seus objetivos, conteúdos programáticos e metodologias, propostas diferenciadas da desenvolvida na educação escolar formal”.

[...] mais que um neologismo que une as palavras educação + comunicação, o conceito une realmente estas duas áreas do saber, destacando um terceiro e importante elemento: a ação. Em outras palavras, a Educomunicação representa uma forma de conhecimento, uma área do saber e campo de construção que possui na ação a sua tônica mais proeminente (SOARES, 2006, p.11).

Na sociedade da informação, a atualização profissional se tornou uma necessidade permanente. Em relação ao uso das tecnologias não é diferente. Não existe mais ‘a revolução tecnológica’ e sim uma ‘revolução contínua’. A todo o momento estamos envolvidos com as tecnologias da informação e comunicação. Nestes novos padrões da sociedade contemporânea, passamos por uma mudança de paradigma na qual se transforma, inclusive, a imagem que temos sobre os atores. Hoje entendemos que estamos diante de atores mais ativos, reflexivos, que não só reproduzem a informação, mas que constroem a aprendizagem. Muitos pesquisadores chamam esse novo cenário de paradigma da complexidade. Nesses preceitos, Braga e Calazans (2001, p. 30) evidenciam que

Ao se dotar de mediações tecnológicas para desenvolver as interações sociais, a sociedade não apenas acrescenta instrumentos que aceleram e diversificam sua comunicação, mas acaba por modificar seus próprios processos. É o que leva a caracterização das estruturas do século XX por expressões como “sociedade da informação”, “sociedade da comunicação”, “sociedade mediática”, “idade mídia”.

No ambiente escolar, esses recursos enriquecem a aprendizagem dos alunos, haja vista que crianças e jovens têm o conhecimento, a apropriação e a interpretação sobre o mundo, muito fortemente ligada à mídia e à internet. Neste sentido, a escola já não pode mais estar sujeita apenas ao conhecimento mediado pelos livros didáticos. É necessária uma relação horizontalizada entre educadores e educandos, por meio de diversas linguagens, mediada, especialmente, pela inserção das TICs no ambiente de sala de aula. Isso seria uma forma de levar os meios de comunicação de massa, a internet, para dentro da sala de aula.

Como se sabe, os recursos atuais advindos das tecnologias educacionais apresentam meios que facilitam a aprendizagem dos alunos, dessa forma, a interatividade e a aprendizagem colaborativa, propiciadas pelos meios de comunicação podem facilitar a aprendizagem dos alunos. Por outro lado, a inteligência cibernética vem revertida de uma linguagem considerada uma barreira para muitos professores. Mas, o que para eles é um empecilho, para muitos alunos é sinônimo de uma simples incorporação que já faz parte de suas práticas diárias. Assim, transformar esse empecilho em um facilitador do ensino é o caminho mais rápido para o avanço da educação.

Considerando esse novo contexto, o educador tem um desafio: acompanhar os avanços tecnológicos e com eles facilitar o acesso à sistematização “como geradora de novos saberes e animadora de mudanças, sejam elas íntimas, institucionais ou em nossas práticas políticas educativas...” (GALEANO, 2000, p. 25). Com isso, a escola irá trabalhar muito mais a realidade do cotidiano desses jovens, incumbindo ao professor uma postura metodológica que atribua significado a essas novas ferramentas tecnológicas.

Gestão da informação: o uso da tecnologia na escola

Os jovens, nesta configuração da sociedade em rede, acessam diversos sistemas eletrônicos de comunicação, tais como: *blogs, e-mails, facebook, whatsapp*, com uma facilidade impressionante. Famílias, independentemente de sua condição de renda, têm cada vez mais o acesso facilitado às tecnologias. O processo tecnológico vem oferecendo ferramentas imprescindíveis a qualquer atividade humana e na escola ela abre um potencial, não apenas para acessar as informações dispostas pelo mundo, mas também no sentido de se pensar a escola como produtora de conhecimento. Nesta linha, Moran et al. (2007, p. 18) destacam que

O conhecimento não é fragmentado, mas interdependente, interligado, intersensorial. Conhecer significa compreender todas as dimensões da realidade, captar e expressar essa totalidade de forma cada vez mais ampla e integral. Conhecemos mais e melhor conectando, juntando, relacionando, acessando o nosso objeto de todos os pontos de vista, por todos os caminhos, integrando-os da forma mais rica possível.

De maneira geral, as tecnologias em relação à educação, sejam as novas ou as mais tradicionais, precisam ser pensadas e articuladas em função do projeto de educação para o qual estejam sendo usadas. Nessa questão, a nosso ver, resta claro que ainda contamos com uma escola que permanece no século XX recebendo estudantes do século XXI.

Face ao contexto acima descrito, não é necessária a presença física, diária em sala de aula para se aprender. A escola pode e necessita ser repensada com o apoio de tecnologias enquanto um conjunto de espaços e tempos significativos de aprendizagem que podem começar numa sala de aula, continuar num laboratório, numa biblioteca, em casa, no trabalho, na cidade, etc., com esse contato através de redes. Isso implica em pensar a escola como algo vivo, dinâmico, flexível.

O entendimento e a apropriação que a educação pode e deve fazer dessas novas tecnologias são imprescindíveis para os processos pedagógicos. Diante desse cenário, trabalhar as TICs em sala de aula significa trazer uma linguagem que já faz parte do cotidiano da maioria dos alunos, diz respeito a uma linguagem para o desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem. Ponte (2002, p. 02) explicita que as TIC devem ser consideradas enquanto “linguagem de comunicação e um instrumento de trabalho essencial do mundo de hoje que é necessário conhecer e dominar”.

Mas representam também um suporte do desenvolvimento humano em numerosas dimensões, nomeadamente de ordem pessoal, social, cultural, lúdica, cívica e profissional. São também, convém sublinhá-lo, tecnologias versáteis e poderosas, que se prestam aos mais variados fins e que, por isso mesmo, requerem uma atitude crítica por parte dos seus utilizadores (PONTE, 2002, p. 02).

Todavia, essa não é uma realidade presente num grande conjunto de escolas, tanto de nosso país, como fora. Na realidade, é um processo que se encontra em desenvolvimento, levando à incorporação das tecnologias e de suas contribuições ao processo de ensino-aprendizagem. Segundo Gomes (2008, p. 58),

Estamos atualmente assistindo ao desenvolvimento de elementos e combinações semióticas novas e distintivas que começam a ser os sistemas linguísticos do futuro e que se diferenciam dos anteriores a partir da lógica de suas articulações. Assim, vários pesquisadores fizeram notar que a lógica gramatical que permite articular tanto a linguagem escrita quanto a oral, e que de alguma maneira também se encontra na linguagem visual (ainda que essa já se diferencie precisamente por compartilhar também a lógica da

imagem), desaparece para dar lugar a uma lógica videotecnológica, na qual a racionalidade deixa espaço a uma caprichosa justaposição de signos de diversos tipos e procedências (visuais, auditivos etc.) com a finalidade de espetáculo.

Todo país que pretende tornar-se desenvolvido entende que esse processo passa por uma população que saiba utilizar as tecnologias digitais, que esteja incluído digitalmente. Além disso, a inclusão digital é uma das características atuais da inclusão social, portanto, fazer a inclusão social, apesar de não se restringir à inclusão digital, passa, necessariamente, por ela. Pretto (2008) corrobora ao afirmar que a produção de informação e conhecimento passa a ser condição para transformar a atual ordem social.

Produzir de forma descentralizada e de maneira não-formatada ou preconcebida. Produzir e ocupar espaços, todos os espaços, através das redes. Nesse contexto, a apropriação da cultura digital passa a ser fundamental, uma vez que ela já indica intrinsecamente um processo crescente de reorganização das relações sociais mediadas pelas tecnologias digitais, afetando em maior ou menor escala todos os aspectos da ação humana. Isso inclui reorganizações da língua escrita e falada, as ideias, as crenças, costumes, códigos, instituições, ferramentas, métodos de trabalho, arte, religião, ciência, enfim, todas as esferas da atividade humana. Até mesmo os aspectos mais pessoais, como os rituais de namoro e casamento, entre outras práticas, têm sua regulação alterada, dadas as novas formas de interação vivenciadas na cultura digital (PRETTO, 2008, p. 78).

Assim, o uso das novas tecnologias deve ser defendido, especialmente no contexto escolar, em todos seus níveis, ressaltando-se, porém, que o uso excessivo da tecnologia digital pode ser pernicioso, o que não significa que ela não deva ser empregada na educação infantil e só possa ser utilizada, por exemplo, nas últimas séries do ensino fundamental e médio. É preciso ponderar o que seja adequado para cada nível de ensino.

O tratamento das práticas tecnológicas associado ao pedagógico constitui-se em componentes para uma educação de qualidade, levando em conta que esta envolve um espectro muito maior do que somente o uso das tecnologias. As tecnologias são sim importantes, todavia, como ferramentas pedagógicas de apoio ao educador, haja vista que uma educação de qualidade pode também ser feita sem uso de tecnologias. Partindo-se deste ponto, Moran et al. explicitam:

Como em outras épocas, há uma expectativa de que as novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para o ensino. Sem dúvidas as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e tempo, de comunicação

audiovisual, e estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estar juntos e o estarmos conectados à distância. Mas se ensinar dependesse só de tecnologias já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo (MORAN et al., 2007, p. 12).

Nesses preceitos, parte-se do pressuposto de que, diante do panorama que vivenciamos, já conectados em rede, seria muito dificultoso trabalhar todos esses conteúdos sem a mediação usada no cotidiano. Com isso é importante retirar o aluno do espaço de sala de aula, promover atividades no ambiente externo, ampliar e potencializar conhecimentos, de modo a diversificar a rotina deste. Os recursos tradicionais que implicam na utilização da lousa, giz, papel e um professor em sala de aula são muito anacrônicos a este novo cenário, devido ao fato de não abrangerem a todos os alunos, pois alguns se desmotivam mais facilmente, já outros não conseguem acompanhar a turma no mesmo ritmo.

Os recursos digitais, por meio de seus aplicativos, possibilitam a sinalização e o avanço da aprendizagem do educando, e neste ritmo, por meio do próprio sistema, é possível dispor de um arsenal de desafios ao aluno, cabendo ao professor averiguar, posteriormente, seu aprendizado por meio de relatórios disponibilizados nos próprios aplicativos, voltados para atividades como essa. Contamos com ferramentas, sejam elas públicas ou privadas que começam a dar essa percepção ao professor e este, ao planejar suas atividades com a inclusão dessas ferramentas, atingirá uma diversidade maior de alunos, respeitando melhor a questão de tempo e espaço de cada um. Logo, cabe a escola como um todo se apropriar de ferramentas como essas, a fim de que seja possível manter um diálogo mais próximo com os alunos. De tal modo, Fischer (2007, p. 8) apregoa que

Estudar as imagens, (...) narrativas e interpelações de programas de televisão, filmes, vídeos, jogos eletrônicos, corresponderia, ao meu ver, a práticas eminentemente pedagógicas e indispensáveis ao professor que atua nestes tempos. Isso porque há todo um trabalho de simbolização, no lugar daquele que imagina, (...) assim como há um trabalho permanente de simbolização, no lugar daquele que se apropria do que vê e ouve a partir das diferentes mídias.

A tecnologia tornou-se uma grande facilitadora de processos de interconexão com todas as realidades que são importantes para aprender, e o professor, ao fazer uso dessas novas tecnologias, fomentará um pensamento crítico aos alunos, pois não adianta só aprender a teclar num computador ou só assistir a um filme, é necessário gerar com

isso um espírito crítico para que possibilite ao aluno fazer uma reflexão sobre aquilo que está sendo observado.

Verifica-se, assim, a importância da equipe escolar se reunir, a fim de pensar/repensar seu projeto de educação, voltado a uma análise mais aprofundada, consubstanciada em questionamentos e proposições acerca do tipo de sociedade que se quer e como estas tecnologias serão incorporadas no currículo e na prática pedagógica dessa escola. A formação dos educadores, gestores e demais integrantes da equipe escolar deve estar voltada para um trabalho colaborativo, em torno de um projeto pedagógico consistente. Logo, a participação de todos faz parte de uma educação democrática, inclusiva, uma educação que promova o processo ensino-aprendizagem ao longo da vida.

Desafios para o uso das novas tecnologias

Apesar de a inclusão digital ser desafiadora para muitos países, no Brasil o acesso às tecnologias da informação e comunicação já vem sendo bastante ampliado. Quando se pensa em maquinário, hoje dificilmente será possível encontrar uma escola pública que não tenha computadores ou mesmo acesso à internet. Isso se dá notadamente pelos programas e projetos criados e mantidos pelo governo federal, tais como o Programa Brasileiro de Inclusão Digital (PBID²), o Projeto Um Computador por Aluno (Projeto UCA³), O Programa Banda Larga nas Escolas (PBLE⁴), etc., programas aos quais objetivam a democratização do acesso às tecnologias da informação.

² Programa do Ministério da Ciência e Tecnologia que tinha como objetivo a inclusão digital com foco no social, proporcionando o desenvolvimento de competências nos municípios brasileiros, o acesso à tecnologia e o incentivo à pesquisa em ciência e tecnologia, permitindo o desenvolvimento local e social a partir da inclusão digital de uma forma completa e multidisciplinar, causando impacto nas realidades mais carentes e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida da população (Disponível em: <https://www.governodigital.gov.br/>).

³ O Projeto Um Computador por Aluno (UCA) foi implantado com o objetivo de intensificar as tecnologias da informação e da comunicação (TIC) nas escolas, por meio da distribuição de computadores portáteis aos alunos da rede pública de ensino. Foi um projeto que complementou as ações do MEC referentes a tecnologias na educação, em especial os laboratórios de informática, produção e disponibilização de objetivos educacionais na internet dentro do ProInfo Integrado que promove o uso pedagógico da informática na rede pública de ensino fundamental e médio (Disponível em: <http://www.fnede.gov.br>).

⁴ O Programa Banda Larga nas Escolas (PBLE) tem como objetivo conectar todas as escolas públicas urbanas à internet, rede mundial de computadores, por meio de tecnologias que propiciem qualidade, velocidade e serviços para incrementar o ensino público no País. O Programa Banda Larga nas Escolas foi lançado no dia 04 de abril de 2008 pelo Governo Federal, por meio do Decreto nº 6.424 que altera o Plano Geral de Metas para a Universalização do Serviço Telefônico Fixo Comutado Prestado no Regime Público – PGMU (Decreto nº 4.769) (Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>).

Entretanto, um dos grandes problemas que nos deparamos diz respeito às barreiras da prática docente no uso das TICs.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica indicam que “[...] o professor deve ser capaz de fazer uso de recursos da tecnologia da informação e da comunicação de forma a aumentar as possibilidades de aprendizagem dos alunos” (BRASIL, 2002, p. 43). Todavia, conforme preceitua Kenski,

Um dos grandes desafios que os professores brasileiros enfrentam está na necessidade de saber lidar pedagogicamente com alunos e situações extremas: dos alunos que já possuem conhecimentos avançados e acesso pleno às últimas inovações tecnológicas aos que se encontram em plena exclusão tecnológica; das instituições de ensino equipadas com mais modernas tecnologias digitais aos espaços educacionais precários e com recursos mínimos para o exercício da função docente. O desafio maior, no entanto, ainda se encontra na própria formação profissional para enfrentar esses e tantos outros problemas (KENSKI, 2009, p. 103).

Outro desafio associado à inserção das novas tecnologias na educação diz respeito à adequação da linguagem ao público-alvo. Isso se deve ao fato de vivermos numa cultura imagética, carregada por representações simbólicas e sentidos diversos, conforme preceitua Debord, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens (Guy Debord, 2000, p. 14).

Contamos com um perfil de alunos que lê muito mais imagens do que textos. Logo, é necessário refletir sobre o tipo de conversão necessária a fim de adequar-se a essa linguagem. Vivenciamos um momento de buscar significados, o que implica não fazer uso de práticas antigas com o novo. Assim, aprender a usar essas ferramentas é essencial. Todavia, vale ressaltar que não se trata de apenas aprender a fazer uso delas, pois estaríamos falando apenas de questões técnicas, mas, além de saber usar tecnicamente, também metodologicamente essas tecnologias. Neste sentido, Moran et al. explicitam:

A educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. É importante educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos (MORAN et al, 2007, p. 36).

Vivenciamos um momento de definições metodológicas de trabalho com as TICs, sendo de grande importância a aproximação destas, o mais rápido possível, à linguagem desses alunos, pois se o educador não consegue se comunicar, o educando não aprende. Tudo isso também implica em material didático apropriado, que converge para a necessidade de o professor não deixar sua personalidade desaparecer. Uma das críticas passíveis aos cursos de ensino à distância (EAD), por exemplo, é seguir a mesma lógica do ensino tradicional, no entanto de forma digital. E neste sentido, Lévy explicita:

Não se trata aqui de utilizar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e, sobretudo, os papéis de professor e de aluno (LÉVY, 2005, p. 112).

Inovação não está ligada à tecnologia, pois é possível que se tenham tecnologias da última geração em sala de aula e não haver nenhuma criatividade para aplicá-las. Por outro lado, é possível vislumbrar professores, sem nenhum tipo de recurso tecnológico, trabalhando de forma extremamente dinâmica, criativa, com uma metodologia totalmente inovadora. Agora se este é inovador e criativo e ainda conta com ferramentas que potencializam isso, sua prática será primorosa, o que denota que o professor é o principal agente transformador de tudo isso. Estamos vivenciamos um momento de ressignificação das práticas pedagógicas, e com isso, contamos com o desafio de articular e transpor as barreiras do universo digital para efetivas práticas pedagógicas, potencializadoras de um aprendizado significativo.

Diferentes usos da tecnologia

O uso da tecnologia pode apresentar uma variada gama de competências: a tecnologia como lugar de novas práticas e textos; como objeto de discussão, além da possibilidade de estar presente nas escolas sendo pensada como meio. A tecnologia pode ser pensada como uma ferramenta provida de um arsenal de informações ao qual o aluno sempre poderá recorrer e também como um lugar de busca por informações. Esse uso da tecnologia como meio, ou seja, com o objetivo de ensinar algo, possibilita o acesso a determinada informação, e ajuda a tornar o conteúdo mais ‘palatável’ ao aluno. Conforme Masetto et al. (2006, p. 153),

As tecnologias devem ser utilizadas para valorizar a aprendizagem, incentivar a formação permanente, a pesquisa de informação básica e novas informações, o debate, a discussão, o diálogo, o registro de documentos, a elaboração de trabalhos, a construção da reflexão pessoal, a construção de artigos e textos.

A tecnologia como lugar de novas práticas e textos diz respeito a uma forma de ser pensada, não como uma ferramenta nova para fazer ‘coisas velhas’. Novos textos e novas práticas comunicativas passam a existir com novas tecnologias. Nesse sentido, Miranda afirma que uma dificuldade na implementação das TICs em sala de aula reside no fato de que

Alguns professores têm uma concepção românica sobre os processos que determinam a aprendizagem e a construção de conhecimento e concomitantemente do uso das tecnologias no ato de ensinar e aprender. Pensam que é suficiente colocar os computadores com algum software ligados à internet nas salas de aula que os alunos vão aprender e as práticas vão alterar (MIRANDA, 2007, p. 44).

O professor pode estimular a produção desses textos, relacionando-os com suas condições de produção, fomentando uma participação crítica nos ambientes digitais por meio do uso de recursos e ferramentas para este fim. Convidar o aluno a se apropriar dos recursos para produções como estas pode ser uma grande motivação, além de uma chance formidável para discutir novas linguagens e narrativas.

É muito recorrente o uso da tecnologia na escola voltado a realização de pesquisas acadêmicas, o que não seria um problema, caso as mesmas perpassassem pela orientação do que seja trabalhado com o aluno, a compreensão por parte deste da necessidade de utilização de fontes confiáveis, como agregar informações num mesmo texto, unindo fontes, parafraseando informações, citando adequadamente uma fonte, provendo de autoria, mas consubstanciado em autores, não simplesmente ‘recortar e colar’.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de caráter normativo, proposto pelo Ministério da Educação, “define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2018, p. 07), no intuito de evidenciar e contemplar a cultura digital no âmbito educacional. Nesse sentido, o documento explicita o seguinte:

Ser familiarizado e usar não significa necessariamente levar em conta as dimensões ética, estética e política desse uso, nem tampouco lidar de forma crítica com os conteúdos que circulam na Web. A contrapartida do fato de que todos podem postar quase tudo é que os critérios editoriais e seleção do que é adequado, bom, fidedigno não estão “garantidos” de início. Passamos a depender de curadores ou de uma curadoria própria, que supõe o desenvolvimento de diferentes habilidades (BRASIL, 2018, p. 66).

Deste modo, é possível evidenciar a tecnologia não só como um meio, pois é nela, por ela e através dela que certas práticas têm lugar. Cabe à escola qualificar a voz desse aluno, seja do ponto de vista ético, estético ou político. É necessário refletir sobre o que será publicado na rede e, por outro lado, é preciso saber encontrar o que seja ou não confiável.

Devem ser refletidas as diversas formas de socialização dessa pesquisa, pois existem diferentes gêneros que podem ser usados para socializar as informações. Assim, torna-se também necessário “analisar a circulação dos gêneros do discurso nos diferentes campos de atividade” (BRASIL, 2018, p. 70). Convém salientar que a escola não deve ser pensada como mera reprodutora de práticas da cultura digital, mas ela necessita contemplar essas práticas fora do espaço escolar, enquanto prática reflexiva, a fim de qualificar a voz desse aluno.

Outro modo da tecnologia estar presente na escola é como objeto de discussão, refletindo “sobre as transformações ocorridas nos campos de atividades em função do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, do uso do hipertexto e da hipermídia e do surgimento da *web 2.0*” (BRASIL, 2018, p. 70). Para tanto, é preciso que o professor leve os alunos à compreensão e avaliação das ações e diversos tipos de textos que circulam nas redes, auxiliando-os na construção de uma visão crítica sobre o tema.

Ao analisar e promover debates voltados ao entendimento do que seja ou não adequado para publicação, por exemplo, em redes sociais, o educador estará contribuindo para a reflexão e conscientização no que tange à distinção do que é público e privado.

A viralização de conteúdos/publicações fomenta fenômenos como o da pós-verdade, em que as opiniões importam mais do que os fatos em si. Nesse contexto, torna-se menos importante checar/verificar se algo aconteceu do que simplesmente acreditar que aconteceu (já que isso vai ao encontro da própria opinião ou perspectiva). As fronteiras entre o público e o privado estão sendo recolocadas. Não se trata de querer impor a tradição a qualquer custo, mas de refletir sobre as redefinições desses limites e de desenvolver

habilidades para esse trato, inclusive refletindo sobre questões envolvendo o excesso de exposição nas redes sociais (BRASIL, 2018, p. 66).

Assim, não é devido ao fato de ser permitida abertamente a publicação de vídeo em sites como o *youtube* ou quaisquer outros espaços, ferramentas e ambientes que seja possível realizar qualquer tipo de publicação sem refletir, elaborar, editar, exclusivamente pela mera facilidade de se fazer isso.

Em nome da liberdade de expressão, não se pode dizer qualquer coisa em qualquer situação. Se, potencialmente, a internet seria o lugar para a divergência e o diferente circularem, na prática, a maioria das interações se dá em diferentes bolhas, em que o outro é parecido e pensa de forma semelhante. Assim, compete à escola garantir o trato, cada vez mais necessário, com a diversidade, com a diferença (BRASIL, 2018, p. 66).

Ou ainda suscitar reflexões sobre o sentido de registro, o sentido de fotografar, o que a fotografia quer dizer. Nas palavras de Moran et al.,

Nosso desafio maior é caminhar para um ensino e uma educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano. Para isso precisamos de pessoas que façam essa integração em si mesmas no que concerne aos aspectos sensorial, intelectual, emocional, ético e tecnológico, que transitem de forma fácil entre o pessoal e o social, que expressem nas suas palavras e ações que estão sempre evoluindo, mudando, avançando (MORAN et al., 2007, p. 15).

Embora se foque muito na dinâmica da rede social, o fato de ser muito recorrente a publicação de todo tipo de conteúdo, curtir, comentar, redistribuir uma informação, editá-la são usos da tecnologia atuais e que, de alguma forma, a escola também necessita contemplar. Isso o aluno não aprende fora da escola, assim, torna-se imprescindível contextualizar a aprendizagem voltada para o uso dessas TICs. É preciso ressignificar essas práticas propiciadas pelo fácil acesso às novas tecnologias e cabe à escola fazer isso.

Criatividade e tecnologia aliadas ao ensino da língua portuguesa

As propostas do BNCC (2018) para a língua portuguesa e também dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's (1997), do ponto de vista de língua portuguesa, se voltam para a ênfase em práticas de uso da linguagem, um trabalho que perpassa vários eixos voltados tanto para a oralidade, escrita, quanto para os conhecimentos linguísticos, do ponto de vista tanto da recepção, leitura, quanto do

ponto de vista da produção, com variedades de textos e gêneros. Dentre as competências específicas de linguagens para o ensino fundamental, evidencia-se:

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos (BRASIL, 2018, p. 63).

É possível apreender a inclusão das TICs nas aulas de língua portuguesa tanto como recurso, bem como objeto curricular valioso, desvelando possibilidades de seu uso no ensino da língua, incorporando cada objeto ao seu contexto pedagógico, a fim de possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem diversificadas, concatenadas às TICs, aos quais seguem algumas delas:

- Os vídeos sistematizadores atuam como excelentes fontes complementares ao material didático. Estes privilegiam a reflexão, não fragmentando o processo educativo. (GALEANO, 2000). A série Vendo e Aprendendo, da TV Escola é uma possibilidade de articulação a outros programas de formação, como os PCN's em Ação e o PROFA, cujos conteúdos são voltados para as seguintes temáticas: perspectiva histórica do ensino da escrita, explicitando quando a escrita foi concebida, por quem era utilizada e suas práticas de uso (BRASIL, 2002). Escrever quando não se sabe é um programa que aborda “questões conceituais muito importantes que foram se modificando nos últimos vinte anos em decorrência da teoria da psicogênese da língua escrita, desenvolvida por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky” (BRASIL, 2002, p. 21-22). Há ainda conteúdos de vídeos como a série do programa Nossa Língua Portuguesa, apresentado pelo Professor Pasquale Cipro Neto, disponibilizando cd's interativos aos quais auxiliam o educando, através de músicas, textos, as armadilhas mais comuns da língua.

- Os jogos computadorizados interativos atraem diversos públicos, não apenas crianças e adolescentes. Eles apresentam como principal vantagem o desenvolvimento cognitivo desse discente, além de possibilitar a avaliação do aprendizado. Ressalta-se que para este fim, conta-se também com o uso de aplicativos diversos disponibilizados para o aprendizado e aperfeiçoamento de conteúdos, dentre eles: jogos voltados para a escrita, acentuação, sinônimos e antônimos, e ainda, jogos voltados para aprendizados de outras línguas, tais como o duolingo. Enfim, há uma diversidade interativa possível

de ser acessada gratuitamente por meios diversos, como computadores, *tablets*, celulares.

- A *fanfic* origina-se da junção das palavras *fan fiction*, cuja abreviação em inglês seria *fanfics* ou fãs de ficção. Seguindo esse pensamento, a *fanfic* constitui-se num gênero discursivo cujo elemento principal se dá pela inspiração de obras pré-existentes, como livros. Nesta perspectiva, professores de língua materna que apreendem a dificuldade em incentivar seus alunos na produção de textos com qualidade encontram no gênero *fanfic* uma excelente alternativa para o incentivo da escrita de textos criativos. Nesse sentido, Vargas corrobora:

A escrita e a leitura de *fanfictions* constituem verdadeiras práticas de letramento no sentido ativo que o termo evoca pelo fato de seus participantes fazerem uso daquelas habilidades apreendidas nos meios escolares para a promoção de tarefas significativas num determinado meio virtual, ambiente em que, unidos por um vínculo muito significativo chegam a constituir verdadeiras comunidades literárias (VARGAS, 2005, p. 127).

Conforme o BNCC, “as práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir” (BRASIL, 2018, p. 66). Assim, a aplicabilidade desta técnica reside na possibilidade de, a partir de modelos pré-existentes, relacionarem-se distintos gêneros na produção de um terceiro, permitindo ao leitor dialogar com a obra e, por sua vez, assumindo o professor papel de mediador nesta atividade.

- Há também diversas plataformas digitais gratuitas que permitem aos educadores criarem, compartilharem e monitorarem as atividades educativas através da plataforma de aprendizagem móvel como: *iphones*, *ipads*, e também por meio dos dispositivos *androids*, dentre elas é possível citar: a Escola Digital; o *Google Classroom*; *Gradebook*; o *Nearpod*, etc. Por meio de plataformas como essas, os educadores criam apresentações, disponibilizam em programas e depois é possível seu compartilhamento com os alunos, facilitando a interação com esse material em tempo real. Ao serem elaborados *slides*, é possível ainda a criação de desafios aos alunos.

As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessíveis a qualquer um a produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da Web. Não só é possível acessar conteúdos variados em diferentes mídias, como também

produzir e publicar fotos, vídeos diversos, *podcasts*, infográficos, enciclopédias colaborativas, revistas e livros digitais etc. Depois de ler um livro de literatura ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais específicas, seguir diretores, autores, escritores, acompanhar de perto seu trabalho; podemos produzir *playlists*, *vlogs*, vídeos-minuto, escrever *fanfics*, produzir *e-zines*, nos tornar um *booktuber*, dentre outras muitas possibilidades (BRASIL, 2018, p. 66).

As múltiplas plataformas midiáticas são recursos atrativos que apresentam resultados imediatos, além de potencializarem a capacidade e criatividade do discente. Através de plataformas como essas é possível a criação de perguntas, textos livres aos quais seja possível exercitar a escrita. Conta-se, assim, com múltiplas possibilidades de atuação em sala de aula sendo a interatividade uma facilitadora da aula, tornando, por sua vez, o aluno um protagonista daquela aula, não apenas um mero observador, pois ele realmente estará interagindo e contribuindo efetivamente com o resultado da aula.

- Com fins de promoção de situações mais criativas, é possível ainda a produção de revistas digitais, utilizadas como suporte para o fim de um trabalho de pesquisa ou a produção de *blogs* que, conforme, Gutierrez (2003, p. 12), “possuem historicidade, preservam a construção e não apenas o produto (arquivos); são publicações dinâmicas que favorecem a formação de redes”, com intuito de divulgar, comentar um artigo, publicar imagens e vídeos, ou ainda, a produção de um documentário ou uma fotorreportagem, uma exposição oral com apoio de um apresentador de *slides* do tipo *power point*.

Conforme evidencia o BNCC (2018), não se trata de deixar de privilegiar o escrito/impresso, nem de deixar de considerar gêneros e práticas consagradas pela escola, tais como notícia, reportagem, entrevista, artigo de opinião, charge, tirinha, crônica, conto, verbete de enciclopédia, artigo de divulgação científica etc., próprios do letramento da letra e do impresso,

Mas de contemplar também os novos letramentos, essencialmente digitais. Como resultado de um trabalho de pesquisa sobre produções culturais, é possível, por exemplo, supor a produção de um ensaio e de um vídeo-minuto. No primeiro caso, um maior aprofundamento teórico-conceitual sobre o objeto parece necessário, e certas habilidades analíticas estariam mais em evidência. No segundo caso, ainda que um nível de análise possa/tenha que existir, as habilidades mobilizadas estariam mais ligadas à síntese e percepção das potencialidades e formas de construir sentido das diferentes linguagens (BRASIL, 2018, p. 67).

Ademais, há suporte para vários gêneros que, de alguma forma, também fazem uso das tecnologias e podem ser utilizados para divulgar uma pesquisa, o que implica num arsenal de possibilidades que fazem com que as aulas de língua portuguesa fiquem mais interativas e criativas. Isso também é utilizar as tecnologias para as práticas que nela circulam.

Uma parte considerável das crianças e jovens que estão na escola hoje vai exercer profissões que ainda nem existem e se deparar com problemas de diferentes ordens e que podem requerer diferentes habilidades, um repertório de experiências e práticas e o domínio de ferramentas que a vivência dessa diversificação pode favorecer. O que pode parecer um gênero menor (no sentido de ser menos valorizado, relacionado a situações tidas como pouco sérias, que envolvem paródias, chistes, remixes ou condensações e narrativas paralelas), na verdade, pode favorecer o domínio de modos de significação nas diferentes linguagens, o que a análise ou produção de uma foto convencional, por exemplo, pode não propiciar (BRASIL, 2018, p. 67).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam, dentre seus objetivos para o ensino fundamental, que os alunos sejam capazes de “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos” (BRASIL, 1997, p. 05), assim, cabe ao professor fazer uso das TICs como forma de estimulação desse processo educativo.

Considerações Finais

O advento das novas tecnologias digitais de informação e comunicação trouxe inúmeras possibilidades que vêm abarcando muitos adeptos, mudando hábitos e práticas, trazendo novas perspectivas e novas demandas para a escola. A prática de sala de aula nos obriga a cada dia sermos mais claros e alcançar o maior entendimento do aluno.

Hoje, um bom gestor, um bom professor não precisa ser especialista em tecnologia, mas precisa fazer uso delas como mediação, como apoio ao aluno, para que este se sinta motivado ao trabalhar com essas linguagens integradas. Assim, para sensibilizá-los, é imprescindível mostrar que aquilo tem valor, primeiramente, para a vida dele, para melhorar profissionalmente, para ter uma futura evolução na carreira profissional.

Tanto os professores e demais agentes educacionais devem estar suficientemente familiarizados com o uso de tecnologias e mídias da educação, não só por meio de

formações para a utilização da parte operacional das tecnologias, mas também a fim de promover a integração dessas tecnologias na prática pedagógica, tanto do professor e também no cotidiano da escola, principalmente para que aquele laboratório de informática, aquela sala de multimídia, enfim, para que aquela telessala não fique isolada do contexto da escola, mas que ela possa tomar vida e integrar a comunidade como um todo.

Para isso os gestores são fundamentais, no intuito de incentivarem professores e também alunos a tomarem essa iniciativa, tornando todos os recursos disponíveis ao professor, aproximando-o das novas tecnologias, capacitando-o, para que essas práticas sejam integradas ao desenvolvimento da sua atividade profissional.

Não adianta ensinar se o professor e o gestor não podem praticar. É necessário que ele tenha acesso a essas tecnologias de forma pessoal. É necessário o acesso a essas tecnologias de modo a fazer uma ponte na sensibilização entre o lado técnico e o lado pedagógico, dominando os recursos, de modo a compreender como são utilizados, para que serve cada programa, depois pensar em como integrar tudo isso no cotidiano escolar, naquilo que o educador já desenvolve, como ilustrar melhor as aulas, como sensibilizar os alunos, como os tornar produtores, como tornar as aulas mais inovadoras, o que é possível fazer diferente que não se fazia antes.

Em síntese, embora os educadores, em geral, tenham sido formados no século XX, não se tem como fechar os olhos para esse século que estamos vivenciando, pois esta é a realidade dos alunos e também dos professores. Portanto, cabe ampliar os horizontes e incorporar as novas tecnologias, encarando-as como ferramentas para o processo ensino-aprendizagem.

Não temos, no século XXI, desculpas para continuar ensinando como fazíamos a 60 ou 100 anos atrás. O mundo mudou, a sociedade está mudando e a escola também necessita de mudanças. Nunca fomos tão desafiados, mas também nunca tivemos tanta tecnologia digital de informação e comunicação ao nosso dispor. O desafio, assim, é repensar a forma como temos usado as tecnologias digitais na escola e como podemos avançar ainda mais nesse uso.

Contamos, atualmente, com inúmeros recursos que promovem a compreensão de conteúdos, conceitos e produção de diferentes textos, além de oportunizarem a integração de experiências tanto dentro quanto fora da sala de aula. Portanto, a

motivação diz respeito ao processo inicial, mas, agregado a oportunização de novas experiências, a escola torna-se muito mais dinâmica.

Referências

BARROS, Ana Circe Paes de. Relacionamento Mercadológico nas Mídias Interativas Digitais: Inovações na comunicação transmidiática entre empresas e consumidores. *Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB*. Paraíba, n.3, mar.-ago. 2010.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. *Comunicação e educação*. São Paulo: Hacker, 2001.

BRASIL. Vendo e Aprendendo: Como usar os vídeos da TV Escola Brasília: MEC; Secretaria de Educação a Distância, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1997.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso: 14 jun. 2018.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

FISCHER, R. M. B. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. *Revista Brasileira de Educação*, maio-agosto, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GALEANO, Eduardo. *O que é sistematização?* Uma pergunta. Diversas respostas. Governo Federal, São Paulo: 2000.

GOMES, P. T. Educação Sócio-Comunitária: Delimitações e Perspectivas. In: MARTINS, Marcos Francisco e HERNANDES, Paulo Romualdo (Orgs.). *Revista de Ciências da Educação*, UNISAL, ano X, n.18, 1º semestre de 2008.

GUTIERREZ, Suzana. *O Fenômeno dos Weblogs: as possibilidades trazidas por uma Tecnologia de publicação na Internet*. Informática na Educação: teoria & prática. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 87-100, jan/jun, 2003.

KENSKI, V. M. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. 5.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2005.

MASETTO, M. T. *Mediação pedagógica e o uso da tecnologia*. In: MORAN, José Manuel. MASETTO, Marcos T., BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MIRANDA, G. Limites e Possibilidades das TIC na Educação. *Revista de Ciências da Educação*, 2007, número 3, 41-50.

MORAN, José Manuel. *Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas*. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Mrcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 13ª ed. Campinas, SP: Papirus. 2007.

PONTE, J. P. As TIC no início da escolaridade: Perspectivas para a formação inicial de professores. In J. P. Ponte (Org.) *A formação para a integração das TIC na educação pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico*, 19-26. Cadernos de Formação de Professores, Nº 4. Porto: Porto Editora, 2002.

PRETTO, Nelson De Luca. Cultura digital e educação: redes já!. In: PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (Org.). *Além das redes de colaboração*. Salvador: EDUFBA, 2008.

SALGUEIRO, Maria da Graça Girão. Um olhar sobre as TIC no ensino do Português: conceções e práticas docentes no Conselho de Almada. *Dissertação de mestrado em TIC e educação*. Universidade de Lisboa, 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação/educação: um campo de mediações. *Revista Comunicação e Educação*, São Paulo, v.19, n.12-24, set.-dez. 2006.

VARGAS, M. L. B. Do fã consumidor ao fã navegador: o fenômeno fanfiction. Passo Fundo, 2005. 210f. *Dissertação* (Mestrado em Letras) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2005.

WOLTON, Dominique. *É preciso salvar a comunicação*. Tradução de Vanise Pereira Dresch. São Paulo: Paulus, 2006.

Recebido em: 20 jun. 2018.

Aceito em: 20 jul. 2018.